



ESPECIAL
ENTREVISTA “FERNANDO BARROSO”

**ENSINO DO JORNALISMO:
OS DESAFIOS DE FORMAR PROFISSIONAIS
PARA UM FUTURO DE AVENTURAS E SURPRESAS**

Enio Moraes Júnior¹

“Cada estudante precisa suprir, com o seu talento, com a sua competência, com a sua sensibilidade, uma vaga, um lugar”, diz Fernando Barroso, professor de *Teoria da Comunicação* e de *Elaboração de Projetos Experimentais* do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mas a sua afirmação não tem nada de pessimismo. Pelo contrário, é com entusiasmo que ele sentencia que o jornalismo está mudando e que, para enfrentar esses desafios, o seu ensino precisa investir na capacidade de o aluno criar seu próprio espaço no mercado de trabalho.

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Vale dos Sinos (Unisinos) e jornalista formado pela Universidade Federal da Paraíba, este paraibano de

¹ Jornalista, professor na ESPM e FIAM, Mestre e Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP.

Campina Grande está pouco preocupado em criar certezas nas cabeças dos aspirantes ao jornalismo. Pelo contrário, ele considera que cabe ao professor a provocação que serve de estímulo ao crescimento do estudante. “Vai caber aos alunos abandonar um mundo cujo chão estava firme e pisar em um chão completamente movediço”, provoca.

Fazia uma das muitas manhãs ensolaradas do Nordeste brasileiro. Barroso chegou pontual a uma das salas de redação do curso de jornalismo do Departamento de Comunicação Social da UFS, em Aracaju. Atento a cada pergunta e pontuando reflexões e fala, ele dividiu algumas de suas inquietações sobre os desafios do ensino do jornalismo no Brasil.

Enio Moraes Júnior – Você tem se dedicado bastante ao estudo das minorias, como por exemplo o jornal do *Nuances*² e a *Hora do Povo na TV*³. Como isso é oportunizado nas discussões de disciplinas como *Elaboração de Projetos Experimentais*?

Fernando Barroso – Na disciplina *Elaboração de Projetos Experimentais* eu discuto com os estudantes as suas inquietações para fazer seus trabalhos. No momento em que eles estão discutindo as suas inquietações para transformá-las em projetos, eu levo para eles a minha própria experiência de pesquisador: “Comigo se deu assim, em uma determinada situação eu tive um desafio parecido com esse e resolvi desse modo”. De forma que, a minha experiência de pesquisador, especificamente ligada às questões de minorias, não influi diretamente nessa disciplina. O que interessa aqui é, sobretudo, a minha experiência de pesquisador, que poderia ser na área de imprensa e minorias ou poderia ser em qualquer outra área temática. Eu apenas transfiro para os alunos um pouco da minha experiência como pesquisador. Como eu estive envolvido em pesquisas para uma dissertação de mestrado e para uma tese de doutorado, julgo que essa experiência me ajuda a dizer para eles não algo que esteja em um nível abstrato, mas me permite compartilhar uma experiência concreta de alguém que já fez uma pesquisa e sabe que eles podem resolver esse ou aquele caso de modo mais ou menos parecido com o que eu resolvi.

² Jornal publicado desde 1998 pelo grupo Nuances, organização não-governamental de Porto Alegre (RS), voltada para a defesa dos direitos dos homossexuais.

³ Programa televisivo exibido na Paraíba, transmitido pela *TV Borborema*, de Campina Grande, afiliada do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão).

EMJ – Como acontece em muitos casos do ensino do jornalismo, você tem uma intensa carreira como pesquisador, mas pouca experiência no batente da redação. A vivência profissional faz falta na hora de ensinar jornalismo?

FB – Essa é uma pergunta muito interessante e que daria muita fala para responder, mas eu vou tentar ser o mais sintético possível. Eu venho de uma graduação em que todos os meus professores, ou pelo menos a grande maioria, eram pessoas vindas do mercado, do ambiente profissional e que se voltaram para a universidade para complementar os seus interesses e as suas práticas profissionais. Portanto, ao mesmo tempo em que eles traziam essa prática, essa experiência do batente, traziam também muitos vícios de uma vida profissional em uma cidade no interior do Nordeste, que é Campina Grande, na Paraíba. Aquele jornalismo provinciano que eles faziam acabava, de alguma maneira, influenciando no nosso trabalho como estudantes. Já no curso em que trabalho como professor, o curso de jornalismo da Universidade Federal de Sergipe, tem um perfil completamente diferente. Praticamente nenhum dos professores veio do batente para a universidade. Pelo contrário, não temos tanta experiência no batente, salvo algumas exceções, mas todos viemos da universidade, da formação acadêmica e da pesquisa. E foi exatamente por conta disso que chegamos aqui. E esse é o meu perfil, de modo tal que eu não atuo, junto aos estudantes, em disciplinas de formação profissional. As disciplinas a que eu tenho estado vinculado desde que estou na UFS são de formação humanística. E eu acredito que essas disciplinas são interessantes para esses estudantes na medida em que, no futuro, o trabalho deles como jornalistas será mais sensível para a questão da cidadania.

EMJ – O aluno de jornalismo tem recebido uma formação que lhe permita adquirir as aptidões técnicas da profissão e, ao mesmo tempo, servir ao interesse público, ao cidadão?

FB – Essa é outra grande questão. Eu não acredito que a universidade real tenha condições de dar uma formação satisfatória nem no sentido do mercado nem no sentido do interesse público. Eu penso que aquilo que os estudantes recebem dos professores,

em sala de aula, é um indício, uma introdução aos temas e aos problemas de natureza profissional e aos temas e aos problemas de natureza da responsabilidade social e cidadã do jornalismo. Os alunos, ao prosseguir a sua vida profissional, certamente, por si e por sua inquietação ou sensibilidade, alcançam a formação complementar. Eu acho que essa é função da formação acadêmica real, da que de fato existe, e a que proporciona aos alunos alguma base para o trabalho profissional.

EMJ – Se considerarmos três atores da formação do jornalista: o aluno, o professor e a escola. Qual desses três é o ator determinante dessa formação e por quê?

FB – O professor é de importância fundamental. Na minha trajetória, cada vez mais eu venho me convencendo disso. Porque a escola apresenta um apoio material, seja bom ou médio, mas será sempre como for possível. Os estudantes, esses são às vezes jovens demais até para a escolha profissional e acadêmica que fizeram. Então o professor acaba exercendo um papel de contribuir no amadurecimento desses estudantes, de cuidar deles no sentido da formação pedagógica, de estimulá-los, de incentivá-los e de fazê-los perceber com maior clareza o mundo que está a sua volta. O professor é aquele que mostra e que abre caminhos. Eu me considero um professor talentoso quando eu consigo mostrar e abrir caminhos. E me considero um professor sem talento e sem vocação quando sinto que não mostrei nem os abri caminhos. Estes são, então, os dias em que eu vou para casa com um sentimento de grande frustração. Nesse sentido, eu acho que a contribuição do professor é fundamental para amadurecimento dos estudantes.

4

EMJ – Você falou uma palavra-chave: amadurecimento. Talvez formar cidadãos, formar para uma atitude cidadã no exercício da profissão – e isso talvez não seja uma prerrogativa apenas do jornalismo – é ajudar o aluno a amadurecer como cidadão. Como é que se ensina isso?

FB – Eu fico pensando que essa formação se faz com conteúdos disciplinares e com a própria atitude, com a própria conduta que o professor mantém em relação aos alunos. Se faz também com uma postura de incentivo, de encorajamento, de animá-los, de fazê-

los acreditar, de mostrar um caminho e de fazê-los acreditar que aquele caminho mostrado pelo professor é bom para eles. O caminho que eu, modestamente, me sinto mais a vontade para apresentar para os alunos, no limite das minhas possibilidades, é do aprofundamento acadêmico. É nessa direção que eu me sinto mais devidamente preparado. Eu gosto muito de chamar atenção dos alunos para o fato de que todas as pessoas podem assistir a um telejornal, ler um jornal ou uma revista para se informar ou por entretenimento. Mas para ele ou para nós, que nos encontramos duas vezes por semana em sala de aula, o jornal, a revista ou o telejornal não são apenas isso. São também fenômenos sobre os quais nós devemos pensar. Portanto, no meu curso de *Teoria da Comunicação*, eu gosto de dar para eles os elementos para refletir sobre esses fenômenos, animá-los e motivá-los para isso. Eu gosto de convencê-los que há todo um caminho que aponta para a necessidade do aprofundamento acadêmico e que eles podem confiar que, seguindo por aí, terão acolhida e aventuras interessantes.

EMJ – É possível aferir esse aprendizado? Como se avalia isso?

5

FB – Eu não tenho instrumentos objetivos. As provas e as nossas formas tradicionais de avaliação são muito precárias. Eu considero que tanto para o aprendizado acadêmico como para o aprendizado profissional essas formas de avaliação terminam tendo dimensão restrita. A gente faz um trabalho com cinquenta cabeças em sala de aula e algumas dessas perceberão e cuidarão de si. Outras, provavelmente, não vão alcançar isso. O meu objetivo e o meu propósito é alimentar a todos igualmente, mas aferir é impossível porque essa é uma questão muito subjetiva em cada aluno. É uma questão de sensibilidade. E mais que isso: é um investimento imediato para uma colheita futura. Portanto, como professor, a gente faz o nosso trabalho. Eu sempre procuro trabalhar com os alunos como se eu os tivesse alimentando, jogando água para poder regar. Eu espero sempre que essas plantas cresçam para quaisquer direções, quer seja para o campo profissional, quer seja para o campo acadêmico, mas para aferir esse crescimento eu só tenho as provas e as acho precárias.

EMJ – Tradicionalmente, o ensino do jornalismo tem dupla face: acadêmica e prática. Você acha que essas faces existem de forma separada ou coexistem no processo formativo do aluno?

FB – Essa é outra pergunta de resposta bem complicada! Eu considero o jornalismo uma profissão diferenciada no sentido de que o trabalhador jornalista me parece ser um trabalhador intelectual. Na minha opinião, nós devemos ter, mesmo, na grade curricular dos cursos de Jornalismo, algumas disciplinas de formação técnica para que os alunos aprendam algumas regras básicas e clássicas do texto jornalístico e dos códigos inerentes e específicos a esse texto. Mas eu acho que também devemos continuar a oferecer para os alunos a possibilidade reflexiva, de eles poderem fazer disciplinas nas áreas de antropologia, de economia, de sociologia para que adquiram uma formação mais humanística. Ele vai requerer essa formação o tempo todo na sua vida como jornalista não apenas para fazer o registro de uma realidade imediata no dia a dia de um jornal diário, mas, além disso, para refletir um pouco sobre os fatos e acostumar os leitores, num mundo tão complexo, tão difícil, a compreenderem e interpretarem melhor esse mundo.

6

EMJ – O diploma de jornalismo é importante, prescindível ou imprescindível para formar jornalistas com essas habilidades?

FB – Eu acho que ele é prescindível. Dizendo isso, eu acho que estou assumindo uns riscos pessoais porque vivemos hoje em um mundo politicamente correto em que, muitas vezes, dizer o que se pensa não traz boas consequências... Mas eu acho que o diploma de jornalista não é necessário. No momento em que houve, no Brasil, essa discussão sobre a obrigatoriedade ou não do diploma a partir da suspensão votada no Supremo Tribunal Federal, em 2009, eu não consegui me convencer com nenhuma das posições que eu ouvi a respeito da defesa do diploma. Portanto, eu acho que uma pessoa que pensa de modo disciplinado, que escreve de modo coerente, com bom domínio da gramática e que conhece as regras do texto jornalístico pode, perfeitamente, exercer essa profissão. Isso não vale para medicina ou para outras áreas, mas para jornalismo, eu creio que vale.

EMJ – Os europeus têm tentando unificar o ensino superior de modo a estimular a mobilidade acadêmica entre os estudantes do continente. Você acha que esse tipo de prática, em território nacional, ajudaria a qualificar o jornalismo brasileiro?

FB – Eu acho que sim. Mas sabe no que é que acredito mesmo? É em as diferentes universidades produzirem bons cursos para que meninos de 18 ou 20 anos, ainda tão jovens, não se ponham nessa inquietação nômade atrás de encontrar algo que está na escola onde eles estudam, está dentro deles ou no livro na biblioteca ao lado da sala de aula. Eu creio que a gente pode criar condições institucionais para haver essa mobilidade acadêmica, mas eu acredito que depois de o aluno se envolver com todo mundo, com todas as universidades do Amazonas ou do Acre ao Rio Grande do Sul, ele vai se dar conta de que tudo que precisa está aqui. Porque aqui ele tem internet, tem todas as ferramentas e tem professores. Eu fico com medo de a gente colocar por aí cabecinhas de 18 ou 20 anos que, eu sei, são pessoas imaturas! O menino de 18 ou 20 anos quer o mundo, mas ele provavelmente encontrará tudo que ele precisa para uma boa formação em uma boa universidade. Em uma instituição que lhe estimule a ler, a estudar, que coloque livros em suas mãos, quer seja um livro físico, quer seja um *e-book*. No caso do jornalismo, em uma escola e em professores que estimulem o aluno a organizar tudo isso para consolidar uma boa formação, uma sólida cultura humanística e, sem seguida, transformar isso em texto jornalístico, em pautas para reportagens sobre movimentos sociais, que façam o leitor compreender as desigualdades sociais que existem em Sergipe.

EMJ – O ensino do jornalismo está preparado para provocar o aluno na direção desse jornalismo?

FB – Com a área de jornalismo, a meu ver, estão ocorrendo transformações como se fossem um lúmpen. O que restará desse lúmpen? Do ponto de vista tecnológico, do ponto de vista do mercado de trabalho, do ponto de vista das condições de produção jornalística, do ponto de vista dos espaços e dos ambientes para a prática profissional, tudo isso está assumindo mudanças tão fortes e tão significativas que a UFS e que qualquer outra universidade talvez não consigam dar conta de preparar alunos para

experimental e vivenciar essa mudança. A gente nem sabe direito para onde é que ela vai. Talvez a gente só saiba que o jornalismo do século XXI não é mais o mesmo do século XIX ou do século XX. Mas quando 1% não é mais aquele, o que fica daquele, o que permanece e o que se altera, em que direção se altera, nem a gente sabe direito. Os estudantes de hoje parecem inseguros com as questões do mercado de trabalho, da formação acadêmica, do diploma, da sua formação, mas eu acho que se as coisas estão aí fora por se fazer, eles não têm que se assustar. Pelo contrário, eles têm que acreditar no seu talento e ir fazer. Com certeza, a prática jornalística e o campo do jornalismo estão sofrendo alterações pesadas e está tudo por ser feito. Se está tudo por ser feito, cada estudante precisa suprir, com o seu talento, com a sua competência, com a sua sensibilidade, uma vaga, um lugar e apostar: “Eu vou por aqui, porque por aqui é um caminho que eu acho que pode dar certo”. O jornalismo do século XXI é algo que as universidades não sabem no que é que vai dar. Hoje em dia se fala em uma série de dispositivos novos, de uma série de campos novos e de atuação do jornalista... O universo digital traz tantas novidades que eu fico imaginando, muitas vezes, que a gente está partindo até para uma pulverização de novas e milhares de microempresas. Então vai caber a esses alunos abandonar um mundo cujo chão estava firme e pisar num chão que é completamente movediço. Eu vejo essas alunos, hoje em dia, bastante angustiados com isso, mas são desafios que lhes estão postos. E eu espero ajudá-los e que eles se ajudem a encontrar o seu espaço nesse universo que se abre e que é tão estranho, tão desconhecido e, ao mesmo tempo, possivelmente, tão maravilhoso.